

MATA ESCURA

PMS	FMLF	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal		
A Tarde		
Data		
26/10/95		
Caderno	Página	
12	12	
Seção		
Reportagem		
Assunto		
Bairro		

Mata Escura teme vizinhos da Lemos Brito

Com 60 mil habitantes e uma renda familiar que na maioria dos casos não chega a um salário mínimo, o bairro de Mata Escura tem histórias e reivindicações. Os vizinhos detentos da Penitenciária Lemos de Brito preocupam moradores e todos que trabalham na área, que temem fugas e motins. Mas é o Centro do Menor João Paulo II o maior orgulho da comunidade: por causa dele, mil crianças já deixaram as ruas. Em creches e salas de aulas passam os dias, procurando um futuro melhor, "com direito a cursos profissionalizantes", diz uma das coordenadoras, Agda Cruz.

As favelas Nova Mata Escura, Novo Paraíso, Cristo Rei, Pedreiras e toda a Baixada de Santo Inácio abriga 60% dos moradores. Há deficiência de escolas. "Só tem uma atendendo estudantes da 1ª à 8ª série", observa Gildásio Francisco de Jesus, vice-presidente da Associação das Comunidades Paróquias de Mata Escura e Calabetão. A inexistência de esgotamento sanitário e eletrificação na maior parte da área também preocupa o líder comunitário. Os "gatos" são comuns e perigosos, "o ideal seria um trabalho definitivo", diz ele, ressaltando, inclusive, o problema de legalização das terras. Nos próximos dias haverá mobilização no sentido de tentar conseguir toda a documentação que a comunidade tem direito.

APOIO

Enquanto o lixo é preocupação em áreas nobres da cidade, no bair-

ro de Mata Escura ele deixou de ser. Mas, no tocante à saúde, as reclamações vão direto para o posto médico. "Funciona com um enfermeiro, não tem material sequer para curativo e o pediatra que tinha foi embora", diz Gildásio, esperando que a situação se reverta com apoio da Secretaria de Saúde do estado. "No posto, a determinação para aqueles que o procuram é pegar um transporte e se dirigir ao hospital mais próximo para conseguir ajuda".

O grande problema do transporte coletivos é nas linhas para Lapa e Mata Escura/Campo Grande. "Não tem horário e os carros são escassos", diz a coordenadora do centro, Agda Cruz, que já passou algumas desagradáveis experiências nesse sentido. Ela explica que são sete linhas — Pituba, Barra, Pau da Lima, Barroquinha, Lapa, Tancredo Neves e a odiada Campo Grande — oferecidas pelas empresas Ogunjá, União e Lapa.

Enquanto o líder comunitário classifica o grau de criminalidade no bairro como considerável, a professora garante ser assustador. Ela explica que "todos que fogem da Penitenciária Lemos de Brito se escondem em Mata Escura, e não há policiais para segurança da comunidade. "O módulo existente no final de linha tem dois PMs que não podem se deslocar para resguardá-lo". Numa coisa Gildásio e Agda concordam: "A prostituição e uso de tóxico continua em alta escala". Na 11ª DP, entretanto, o delegado titular desconhece essa situação.



A falta de urbanização afeta a população de Mata Escura

coordenadora da equipe de base, Miriam Sanches Costa.

Para se falar em centro tem que

cação, lazer e obrigações, como em qualquer família. "Nos finais de semana saímos com as meninas. Leva-

inclusive, o problema de legalização das terras. Nos próximos dias haverá mobilização no sentido de tentar conseguir toda a documentação que a comunidade tem direito.

APOIO

Enquanto o lixo é preocupação em áreas nobres da cidade, no bairro

Penitenciária Lemos de Brito se escondem em Mata Escura, e não há policiais para segurança da comunidade. "O módulo existente no final de linha tem dois PMs que não podem se deslocar para resguardá-lo". Numa coisa Gildásio e Agda concordam: "A prostituição e uso de tóxico continua em alta escala". Na 11ª DP, entretanto, o delegado titular desconhece essa situação.

Foto: Carlos Casares



A falta de urbanização afeta a população de Mata Escura

Violência é um problema

Agressões, assaltos a carros de entrega e arrombamentos são as principais ocorrências registradas até o dia 23, na 11ª DP (Beiru), e relacionadas diretamente ao bairro Mata Escura. "É uma área pobre, com favelas. O próprio nível da população leva à violência", observa o delegado titular Almiro Nepomuceno. Ele desconhece, inclusive, a grande incidência de tóxicos e prostituição naquela parte da cidade. "Não temos qualquer registro", justifica.

Na grande pasta onde ficam arquivadas as ocorrências, o volume assusta, mas, separando-se bairro a bairro, tem-se a certeza de que áreas como Sussuarana, Cabula VI e Pernambués são as mais agitadas. Para cinco ocorrências de alguns desses bairros aparece uma de Mata Escura; a maioria, de arrombamento de veículos e residências. Também tem documentos que comprovam muito a boa-fé de alguns e a má-fé de outros. É morador emprestando televisão e ficando sem o aparelho; é um vizinho cedendo material de construção e depois se chateando com a não-devolução. É também questão de ofensas morais e averi-

gação sendo registradas.

Do dia 1º deste mês até a última segunda-feira, foram dois arrombamentos de veículos, dois arrombamentos a residências e um a galpão. Houve também assalto a bar e a transporte coletivo, agressões, desordem, suicídio. Apenas uma tentativa de homicídio foi registrada, conforme consta nas fichas de ocorrências arquivadas no cartório daquela delegacia.

CENTRO DO MENOR

Orgulho da comunidade de Mata Escura, o Centro do Menor João Paulo II atende a 1.133 jovens entre dois e 18 anos. O projeto é do padre Miguel Ramon e começou em 1989. Foi reconhecido pelo cardeal dom Lucas Moreira Neves, que repassou verba doada pelo papa, conseguida através do prêmio europeu Artesão da Paz. Há um ano está oficialmente inaugurado e, num amplo prédio da avenida principal, oferece escola comunitária, centro profissionalizante, creche, casa-lar e centro médico-odontológico, num trabalho que envolve 58 funcionários, como informa a

coordenadora da equipe de base, Miriam Sanches Costa.

Para se falar em centro tem que se voltar às invasões, onde tudo começa. Num trabalho minucioso, de catequese, mesmo, os grupos visitam as áreas carentes. Detectam os problemas, procuram soluções e promovem reuniões para auxiliar as famílias carentes. A partir daí incrementam-se as atividades da entidade. Atualmente são quatro escolas comunitárias nas favelas, das seis existentes no bairro. São 950 alunos atingidos. "Priorizamos a alfabetização até a 4ª série, depois encaminhamos os estudantes à rede estadual ou municipal, a depender das disponibilidades", explica Miriam. Com 90 adolescentes, o centro profissionalizante é outro setor. Oferece cursos de higiene e beleza, cabeleireiro, culinária e serviços de lanchonetes, serviços administrativos e artesanato. Na creche, 80 crianças de dois a seis anos são educadas com direito à pré-escola.

Os problemas mais sérios dos jovens do sexo feminino que não têm família e sofreram violência física ou sexual são encaminhados para a casa-lar. "As meninas são convidadas a residirem aqui, com direito a uma educadora que assume o papel de mãe", diz Miriam, ressaltando que todas as 13 garotas que atualmente estão na casa-lar têm direito a edu-

cação, lazer e obrigações, como em qualquer família. "Nos finais de semana saímos com as meninas. Levamos para shows, festas e cultos. Durante a semana as tarefas são distribuídas e a educação cuidada". Até jardinagem e horta todos aprendem a cuidar. "O espaço é pequeno. Serve apenas para aprendizagem e não como fonte de alimentação", adianta Miriam.

O projeto que deu certo é considerado a "menina dos olhos" do padre Miguel Ramon. "Nasceu da preocupação da Associação das Comunidades de Mata Escura e Calabetão em oferecer escola à comunidade carente. Daí, os problemas da comunidade foram sendo descobertos, obrigando a reformulação da primeira idéia. Surgiu então o Centro do Menor. Ele tem a colaboração de vários organismos internacionais, inclusive do Senac".

O grande problema atualmente está no centro médico-odontológico. Funciona com a medicina alternativa, enquanto aguarda a assinatura de um convênio com o estado para ofertar tratamento da alopatia. "Uma enfermeira trabalha com a prevenção no setor odontológico, mas queremos poder passar para a etapa de tratamento de cáries e outras afecções da boca", diz a coordenadora de cursos profissionalizantes, Agda Cruz, engajada no projeto.